

Hermenêutica: Um viés ético

*Éverton Nery Carneiro*¹

RESUMO

O presente texto busca realizar um estudo na perspectiva de que a hermenêutica carrega consigo um fundamento ético, tomando como princípio a postura de responsabilidade e honestidade. Neste sentido, trabalha-se na construção de um texto que aborda a imperfeição, a incompletude, a finitude e a abertura, tomando Mateus 9.2-8, como texto referência. Entendemos que pensando, sonhando, agindo ou repousando, o ser humano está a interpretar. Tem-se como referencial teórico a fenomenologia da vida de Michel Henry, bebedor da fonte heidegariana. O texto neotestamentário é em si mesmo um texto hermenêutico, que procura ensinar a linguagem da fé, compreendendo esta como vida, ou seja, a Palavra da Vida, pois somente a vida experimenta-se a si mesma, sendo que a vida permite conhecer a vida, e é assim que a vida fala, ela fala na vida.

PALAVRAS-CHAVE

Hermenêutica. Ética. Vida.

ABSTRACT

This text presents a perspective that Hermeneutics carries out with itself an Ethical ground, based on responsibility and honesty. In this

¹ Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutorando em Teologia (Faculdades EST); Mestre em Teologia (EST); Especialista em Filosofia Contemporânea (São Bento); Especialização em Ética, Teologia e Educação (EST); Especialista em Educação, desenvolvimento e Políticas Públicas (FACIBA); Licenciatura em Geografia (UEFS); Bacharelado em Teologia (STBNE); Licenciatura em Filosofia (FBB).

way, the paper presents imperfection, finiteness and openness, having Mathew 9.2-8 as a text of reference. Human being interprets in all the circumstances of its life. The text starts from the phenomenology of Michel Henry, who was influenced by Heidegger. New Testament text is in itself a hermeneutical text that intends to teach the language of faith. It also understands the language of faith as life, that is, the Word of Life. Life experiments itself, life permits us to know life. In this way, life speaks, it speaks in the life.

KEYWORDS

Hermeneutics. Ethics. Life.

Com asas nos pés, voas pelo espaço, cantando toda a Música, em todas as línguas... Nós te honramos, Hermes, ajuda-nos em nosso trabalho! Dá-nos um falar eloquente, e um vigor jovial. Supre nossas necessidades, concede-nos clara memória. Dá-nos a boa sorte, e encerra nossas vidas em paz. (Excerto do Hino Órfico a Hermes)

A expressão “hermenêutica” pode derivar do verbo grego *hermeneuein*. Este refere-se, por sua vez, ao substantivo *hermeneus*, que poderá ser aproximado sem rigor científico, de Hermes (deus grego, filho de Zeus com Maia²). Hermes era o mensageiro dos Deuses, anunciava o destino. *Hermeneuein* era a revelação que levava ao conhecimento, por parte daquele que estivesse em condições de ouvir uma mensagem. Entenda-se aqui que para ouvir é preciso escutar e para isso “... é necessário encontrar-se na realização da verdade libertadora de Deus”³. De toda forma, é possível pensar que a origem etimológica é duvidosa, mas enraíza no significado de falar, dizer. O vocábulo tem três orientações de sentido: “... *hermeneuein* significa, em grego, tanto ‘interpretar’ como ‘comunicar’ e ‘explicar’”⁴. Uma linha comum aparece aqui: a

² FERRY, 2009, p. 66.

³ LEÃO, 2000, p. 36.

⁴ KORTNER, 2009, p. 11.

idéia de que algo deve ser tornado inteligível, de que se deve conseguir que seja entendido⁵.

Seguindo esta perspectiva, no que se refere à ética, pode-se inferir que a hermenêutica carrega consigo fundamentos éticos, pois este interpretar, comunicar e explicar precisam estar envolvidos e serem tomados por uma postura responsável e honesta. Entretanto, avisa Schopenhauer “... que todas as traduções são necessariamente imperfeitas”⁶. Sendo todas as traduções imperfeitas, entende-se aqui imperfeição como incompletude⁷, pois a hermenêutica é a resposta à experiência da finitude. Sendo a hermenêutica uma tradução, isto significa que a hermenêutica é imperfeita, ou seja, trafega pelo universo da incompletude, assim como a vida e a interpretação da vida é cheia de imperfeição, de incompletude, de finitude, portanto de humanidade, pois:

Eu gosto disso, de que a gente se engane!... É a única coisa em que o homem é superior aos outros organismos. É assim que se chega à verdade. Sou um homem e é porque me engano que sou homem. Não se chegou nunca a nenhuma verdade sem ter-se enganado ao menos quatorze vezes e isso é talvez um caso singular em seu gênero. Mas sequer sabemos enganar-nos de uma maneira pessoal. Um erro original vale talvez mais que uma verdade banal⁸.

É importante admitir que isso é graciosidade de Deus que faz o ser humano ficar em extraordinária admiração ao perceber o panorama⁹

⁵ CORETH, Emerich. **Questões Fundamentais de Hermenêutica**. Tradução: Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973, p. 1.

⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sussekind. Porto Alegre: L&M, 2010, p. 150.

⁷ “... é característica de todo processo de significação. A relação pensamento/linguagem/mundo permanece aberta, sendo a interpretação função dessa incompletude, incompletude que consideramos como uma qualidade e não um defeito.” ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos**. 2ª ed. Campinas: Fontes, 2005, p. 19.

⁸ DOSTOIEVSKI, F. **Crime e Castigo**, 1947, p. 386.

⁹ “Em grego, tudo é pan e ver é horao, donde se deriva horama, aquilo que é visto. O conjunto de tudo que se vê no âmbito de um horizonte se chama, pois, de panorama”. LEÃO, 1977, p. 181.

que se apresenta, pois tanto a vida, como o texto, como também a hermenêutica não podem abrir mão de suas imperfeições, pois são abertura¹⁰ constante num processo de transformação e aperfeiçoamento, fazendo questionamentos, onde um leitor ao se defrontar com um texto em diferentes momentos e em condições diferentes de leitura, não lê esse texto da mesma maneira. Além disso, o mesmo texto é lido por diferentes leitores, em diferentes períodos, de maneiras diferentes.

Dito isso, e apesar do dito, a hermenêutica possui um *ethos*¹¹, uma morada, afinal de contas já disse Heráclito de Éfeso que “a morada do homem é o extraordinário”¹². Extraordinário é, pois, a linguagem, que “... é a passagem misteriosa e por isso mesmo, diretamente imperceptível de todos os caminhos do pensamento”¹³. Tem-se a partir desse fragmento de Heráclito uma ressonância que é distinguir o ser humano, como ser que está sempre aberto, quer ele tenha consciência disso quer não, à possibilidade da transcendência, do sagrado. Continuando e buscando estar nos caminhos do pensamento, Leão faz duas construções que particularmente interessam. A primeira ao afirmar que “... a linguagem ‘é a casa do ser’ e ‘os poetas e pensadores seus vigias’”¹⁴.

¹⁰ **Nota do autor:** Entendemos por abertura aqui o que Croato afirma: “Em todo texto há um ‘adiante’, esse mundo de sentidos que se abre em virtude de sua polissemia, potenciada por sua própria condição de estrutura lingüística e, como sabemos, pela morte de seu ‘autor’. O sentido está no texto e não na mente de seu autor. No texto, por sua vez, não está como entidade separável, mas sim codificada em um sistema de signos que constituem o relato e que ‘dizem algo sobre algo’ por sua vez manifestação como determinado discurso.” CROATO, 1986, p. 26.

¹¹ **Nota do autor:** É um termo genérico que designa o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Designa uma espécie de síntese dos costumes de um povo. É a totalidade dos traços característicos pelos quais um grupo se individualiza e se diferencia dos outros. Ethos pode assim incluir temas culturais, padrões culturais e valores. Quando desejarmos nos referir ao conjunto de valores tradicionalistas baianos, às atitudes próprias e características do baiano, ao seu modo de ser e agir, podemos simplesmente dizer: Este é o ethos baiano!

¹² HERÁCLITO *apud* UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 9.

¹³ LEÃO, 1977, p. 209.

¹⁴ LEÃO, 1977, p. 131.

A segunda, ao dizer que “*No princípio era a Linguagem e a Linguagem estava no Mistério e a Linguagem era Mistério*”¹⁵. Enquanto a 1ª construção de Leão é uma paráfrase heideggeriana, a 2ª construção é uma paráfrase joanina. Leão interpretando a ambos, e daqui pode-se assim dizer, “... *a hermenêutica é a arte da leitura*”¹⁶. Aqui leitura é entendida não somente como leitura de um texto escrito¹⁷, mas leitura de mundo, leitura de vida, buscando captar o sentido e este “... *significa interpretar algo inicialmente incompreendido ou incompreensível*”¹⁸. Compreender se estende a um além, que passa por compreender a si mesmo de maneira ética, onde “... *compreender não significa concordar*”¹⁹. Ao fazer esse percurso é Nietzsche que afirma: “... *todo acontecimento do mundo orgânico é um assenhorar-se, e todo subjugar e assenhorar-se é uma nova interpretação*”²⁰. Inevitavelmente se pensa na máxima nietzscheana: “*não existem fatos, somente interpretações*”. Pensando com Nietzsche e buscando ir além é que se pode dizer que a interpretação abarca uma parte da realidade e não toda a realidade. Sendo assim, é tão somente sobre a interpretação que se pode tratar, pois:

O homem sempre interpreta. No sonho e na vigília nós sempre interpretamos. Mesmo quando não falamos mas apenas ouvimos ou lemos, estamos interpretando. Até quando não ouvimos nem lemos ou falamos mas somente agimos ou simplesmente repousamos, ainda assim interpretamos. É que interpretar não é uma entre outras possibilidades humanas, como se o homem pudesse ser primeiro homem e só depois, de propósito ou sem propósito, interpretasse, falando, ouvindo, sonhando, agindo, repousando. Não! É interpretando que o homem fala e ouve. É interpretando que o homem

¹⁵ LEÃO, 1977, p. 220.

¹⁶ KORTNER, 2009, p. 12.

¹⁷ “... toda leitura é produção de um discurso e, portanto, de um sentido, a partir do texto. Não se lê um sentido, mas sim um texto, um relato numa operação que coloca em ação a competência deste...” CROATO, 1986, p. 23.

¹⁸ KORTNER, 2009, p. 10.

¹⁹ KORTNER, 2009, p. 43.

²⁰ NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba: Hemus Livraria, Distribuidora e Editora. 2002, p. 66.

sonha, age e repousa. Interpretar é o modo de ser do homem. Ser homem é interpretar²¹.

É agindo ou sonhando que o ser humano interpreta. Quando se dorme, não apenas se descansa, também se sonha. Pode-se dizer assim nessa toada, nessa poesia, que se dorme especialmente para sonhar, ou seja, ser sonhador é ser humano. Sendo o ser humano sonhador e intérprete, aquele que interpreta resolve o que é interpretar, decidindo permanentemente o que se é. Tem-se aqui, não um círculo vicioso, mas um círculo virtuoso, onde a hermenêutica parte do pressuposto que não se compreende tudo, entretanto, nunca se fica sem compreender algo, pois a compreensão somente é possível se já existe algo compreendido. Jesus é assim, um já compreendido, um a compreender, sendo dessa forma um hermeneuta ético do Cristo de Deus. Assim, entende-se que “... a hermenêutica de nossa existência revolucionária inclui, pois, o vigor histórico do Mistério de Cristo. Ao Mistério de Cristo só chegamos na fé. (...) Só chegamos ao Mistério de Cristo por já partirmos dele”²². Pensar nessa perspectiva significa assumir que se chega ao Mistério de Cristo tendo como origem a fé, onde esta “... *como podemos aprender com Rudolf Bultmann – deve ser interpretada como uma forma de compreensão*”²³. Sendo desta forma, “... *o ser humano se descobre não como sujeito da compreensão, mas como seu objeto*”²⁴. Visto que o cristianismo é a religião da palavra, Henry afirma e pergunta:

Se a natureza de Cristo é dupla, podemos pensar que a sua palavra é também dupla. Não que ela esteja marcada pela duplicidade, à maneira de uma palavra humana submetida às intrigas do mundo, acostumada à simulação e à mentira. Dupla a palavra de Cristo é-o num outro sentido, tão precioso quanto radical: nela, ora se trata da palavra de um homem ora se trata da de um Deus. A análise das palavras de Cristo não estará sujeita, desde logo, à pergunta, acerca

²¹ LEÃO, 1977, p. 212.

²² LEÃO, 1977, p. 223.

²³ KORTNER, 2009, p. 32.

²⁴ KORTNER, 2009, p. 72.

de cada uma delas: quem fala? O homem-Jesus, aquele que não tem onde reclinar a cabeça e que pede de beber à Samaritana? Ou então o Verbo de Deus que é a Palavra de um Deus eterno e que diz das suas próprias palavras: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão-de passar” (Lc 21.33)?²⁵.

Henry faz um convite à reflexão, pensando a princípio que a comunicação entre Deus e o ser humano acontece pelo diálogo. Tanto no texto vétero quanto no neo-testamentário, percebe-se que Deus é representado como um Deus que fala e ao fazer isso também faz perguntas.

No contexto do diálogo de Deus com o ser humano é preciso fazer considerações. Inicialmente a abordagem da interrogação. Como assim? Deus faz perguntas? Sim Ele as faz! É preciso, no entanto, diferenciar problema de pergunta. Ambos colocam o ser humano diante de uma interrogação, entretanto, o problema, “... em um sentido genérico, dificuldade, tarefa prática ou teórica de difícil solução”²⁶, quando resolvido, deixa de ser interrogação. Já a pergunta é algo intrínseco e extrínseco, ela persegue o ser humano como algo que não se pode calar. Na narrativa de Mateus 9.2-8 Jesus faz duas perguntas. A primeira: “*Por que vocês pensam maldosamente em seu coração?*” (Mateus 9.4) E a segunda: *Que é mais fácil dizer: ‘Os seus pecados estão perdoados’, ou: ‘Levanta-se e anda’?* Essas duas perguntas, assim como tantas outras feitas pelo Filho, como também pelo próprio Pai, não se configuram como “problema”, para os quais se tem possivelmente resposta e, portanto solução à vista, fazendo com que a interrogação desapareça e algo deixe de perseguir o ser humano. Pelo contrário, elas são perguntas e como tais, feitas por Deus, que em Cristo Jesus, como no Evangelho de João diz: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14.6). É vida, pois essa, “... *fala de si mesma e não cessa de dizer o que ela é na sua verdade...*”²⁷. É Verdade, pois “*A vida é verdade porque se revela a si*

²⁵ HENRY, Michel. **Palavras de Cristo**. Tradução de Florinda Martins. Edições Colibri. Lisboa – Portugal. 2003, p. 12.

²⁶ JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 3ª edição revisa e ampliada. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1996, p. 231.

²⁷ HENRY, 2003, p. 77.

*mesma e porque esta revelação de si – esta auto-revelação – constitui o fundamento de toda a verdade concebível. Nada existe, com efeito, para nós se não se manifestar.”*²⁸ E é caminho, pois a “*Palavra da vida é a de Deus, seu Verbo. E é esta Palavra, é Cristo enquanto Verbo de Deus...*”²⁹. Esse Deus é essencialmente ético, pois: “... *a vida é uma Palavra e uma Palavra que fala de si*”³⁰; além disso, ela é “*entendida como inter-relação dos sujeitos pela aceitação recíproca da dignidade de cada um, a vida ética é uma vida na justiça*”³¹. É pois, Heidegger que diz, sem a menor pretensão de cientificidade, a partir da análise do poema *A Palavra*, de Stefan George, que: “... *nenhuma coisa é onde falha a palavra. Uma coisa é somente onde a palavra não falha, e assim é*”³².

São aquelas já citadas perguntas, feitas por um Deus, que é ético, justo e, portanto, a própria vida, que continuam a interpelar o ser humano eternamente na construção de sua humanidade. Desta forma, “*se considerarmos o Antigo ou o Novo Testamento, é a Palavra de Deus que está no centro dos textos que os compõe, assim como da ética que prescrevem...*”³³. A tudo isso, a estas perguntas, a esse diálogo de Deus com o ser humano, que tem início com Deus, que o próprio ser humano responde com a religião, que é “... *a resposta humana diante do sagrado*”³⁴.

Essas perguntas podem ser comparadas às perguntas feitas por Deus, na narrativa de Gênesis. A mais antiga, sendo a primeira pergunta feita por Deus ao ser humano é: “*Onde é que você está? (Gn 3.9)* Já a segunda pergunta é: “*Onde está Abel, o seu irmão?*” (Gn 4.9) São duas perguntas, com características existenciais. A primeira delas é feita a Adão, segundo a narrativa do livro de Gênesis. A segunda é feita

²⁸ HENRY, 2003, p. 76.

²⁹ HENRY, 2003, p. 77.

³⁰ HENRY, 2003, p. 77.

³¹ VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. **Ética e Direito**. São Paulo – São Paulo: Edições Loyola. 2002, p. 322.

³² HEIDEGGER, 2003, p. 149.

³³ HENRY, 2003, p. 80.

³⁴ LEONE, 2011, p. 2.

a Caim, segundo a mesma narrativa. Esta pergunta, por certo deixa o ser humano perplexo, pois Deus fala aos profetas, ao mais comum dos seres humanos e também com assassinos! A primeira é uma pergunta que nos remete à Odisséia, uma volta a si mesmo. Já a segunda pergunta, nos remete ao Êxodo, ao outro. Com o outro se estabelece a postura de responsabilidade, ou seja, nas palavras de Levinas: “... *um-para-o-outro, como um-guardião-de-seu-irmão, como um-responsável-pelo-outro*”³⁵. Assim, em Levinas, ao contrário de Heidegger, em *Ser e Tempo* o ser humano (*Dasein*) não é o “pastor do ser”, mas o “guardião do outro”. A ética antecede ao ontológico. A essas perguntas feitas, o ser humano busca responder à medida que se relaciona com Deus, tanto numa perspectiva horizontal, como também vertical. Não é uma ou outra, mas as duas numa relação dialética. A estaca e a trave. Eis a manifestação da própria cruz! Relacionalidade consigo, com Deus, com o mundo. Seja consigo mesmo, com Deus ou com o mundo, é sempre uma relação com o outro, essa terra estranha, que está além de si mesmo e ao mesmo tempo em si mesmo, pois à medida que o outro passa a ser mais e mais conhecido, ele vai deixando essa esfera e passando progressivamente para a esfera do compreendido, sem, entretanto jamais pertencer a uma dessas esferas em exclusividade. Caetano Veloso, em uma de suas composições assim diz: “*Porque és o avesso, do avesso, do avesso, do avesso*”³⁶. Nas palavras do compositor baiano, pode-se notar que o último desses “avessos”, já é o direito, não mais o direito como no início, mas como aquele que ao passar pelas constantes transformações, na ação entre o direito e o avesso, o mesmo e o outro, volta sempre ao mesmo, volta sempre para casa, mas jamais como o mesmo, pois já experimentou no Êxodo o outro.

No pórtico de entrada do Oráculo de Delfus estava escrito: “*Conehece-te a ti mesmo*”, que foi divulgado por Sócrates, que significa

³⁵ LEVINAS, Emmanuel. **O Humanismo do outro Homem**. Petrópolis: Editada Vozes. 1993, p. 15.

³⁶ VELOSO, Caetano. **Muito – Dentro da Estrela Azulada**. Philips/Phonogram. 1978. Lado B.

“força (*kratos*) que salva (*sôs*)”³⁷ através de Platão, tendo um sentido de que o ser humano devia reconhecer-se no diálogo com a realidade, buscando conhecê-la no mostrar das palavras³⁸. Conhecer a si mesmo, de dada maneira representa um paradoxo, pois, a partir do momento em que se compreende alguma coisa, obviamente isso já não é mais totalmente outro. Todavia, se de alguma forma, algo é totalmente outro, não se compreende de forma alguma. Aqui então cabe diferenciar o outro do estranho. “O outro não é necessariamente o que me é estranho. Antes de tudo, é o outro de mim mesmo e pode como tal ser compreendido dialeticamente como pertencente a mim”³⁹. Por outro lado, “O estranho, ao contrário, é o não-pertencente, o que se encontra fora das demarcações do próprio e dele está excluído”⁴⁰. Deus é esse Totalmente Outro, com o qual não pode ser constituído pelo mesmo, no entanto pode-se deparar-se com Ele. Para Levinas, nesse outro, no seu olhar “... que surpreende e me compromete, se anuncia a transcendência divina”⁴¹. Estando e sendo essa transcendência divina, “O Outro está sempre para além de qualquer idéia que possamos ter sobre ele”⁴². Então Levinas recita um *Talmud* babilônico: “Se eu não responder por mim, quem responderá por mim? Mas se eu responder somente por mim, sou eu ainda eu?”⁴³ Então pode-se continuar ouvindo o próprio Levinas quando ele afirma sem rodeios: “entre o um que eu sou e o Outro pelo qual respondo, abre-se a diferença sem fundo, que é também a não indiferença da responsabilidade, significância da significação, irreduzível a qualquer sistema”⁴⁴. O sistema é sacrificial e sacrifício sem sangue, sem “grita-

³⁷ BUZZI. Arcângelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem**. 33ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 41.

³⁸ BUZZI, 2007, p. 41.

³⁹ KORTNER, 2009, p. 59.

⁴⁰ KORTNER, 2009, p. 59.

⁴¹ LEVINAS *apud* BUCKS. RENÉ. **A Bíblia e a Ética: A relação entre a filosofia e a sagrada escritura na obra de Emanuel Levinas**. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 101.

⁴² LEVINAS, *apud* BUCKS, RENÉ, 1997, p. 101.

⁴³ TALMUD BABILÔNICO, *apud* LEVINAS, Emmanuel. **O Humanismo do outro Homem**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993, p. 109.

⁴⁴ LEVINAS, 1993, p. 15.

ria” não tem “graça”. *“A lógica do nosso sistema é totalmente alheia à lógica do Evangelho. A nossa sociedade está completamente alheia ao espírito do Evangelho”*⁴⁵. O ser humano, realmente precisa ser tocado pela Graça e entender que o escândalo não está na doutrina, mas no ser humano não se escandalizar com a afirmação “que Deus matou seu Filho”, principalmente porque Deus não matou, tampouco mata seus filhos. Deus-Pai na sua infinita Graça e misericórdia ressuscita seu Filho, e quem o mata é o sistema! É esse outro que sabe onde está seu irmão “Abel”, pois é seu assassino e, portanto não assumiu a responsabilidade de ser o guardião do outro.

A outra consideração diz respeito a *“Por que vocês pensam maldo-samente em seu coração”*? (Mateus 9.4) Esta é uma pergunta que nos remete ao Antigo Testamento, que é interpretado pelo novo. Perceber uma ligação quando o texto diz: *“O Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal”* (Gênesis 6.5). Vê-se nestes textos uma concepção de pensar que se vincula ao coração, ou seja, o coração é o centro da razão para o hebreu antigo. Entendido isso, vê-se que Jesus, em Mateus, estabelece um valor para o pensamento farisaico e este é o de um coração que só pensa maldo-samente. Ao fazer esse exercício de pensar, os fariseus, portanto, não pensam como Jesus, não estando assim à serviço do Projeto do Pai, da construção do Reino de Deus. O pensamento/palavra de Jesus difere totalmente do pensamento/palavra dos fariseus.

A última consideração a ser feita reside na interpretação de que: *“O que chama a atenção em toda interpretação de um texto é o fato de que ela necessita partir do texto. Não pode aparecer como um adendo arbitrário e acidental; ela pretende ser leitura do texto transmitido”*⁴⁶. Busca-se ao longo de toda essa pesquisa, realizar esta tarefa, partir do texto, entendendo que todo o texto neotestamentário é em si mesmo um livro hermenêutico, pois procura ensinar a hermenêutica e a linguagem

⁴⁵ COMBLIN, José. Justiça e lei no Evangelho segundo Mateus. **Estudos Bíblicos** 26, 1990, p. 23.

⁴⁶ CROATTO, 1986, p. 29.

da fé, que são razão e mistério, na fusão daquilo que é espiritualidade⁴⁷. Assim, afirma-se que uma hermenêutica sem espiritualidade, não tem sentido, assim como uma espiritualidade sem hermenêutica, pois sendo a teologia uma hermenêutica, entende-se perfeitamente a máxima de que “... a teologia , ao contrário do evangelho por ela interpretado, não possui qualidade soteriológica”⁴⁸. Pensando nesse sentido, como já feito anteriormente, Deus é esse Totalmente Outro, que se manifesta em Jesus, sendo sua máxima revelação como Cristo, como O Mesmo. Todos estão convidados a experimentar esse Totalmente Outro, ao assumir-se como Cristo de Deus e tomar conta de sua missão: ser o guardião de seu irmão e do outro.

No que tange à linguagem da fé, a mesma é a vida, ou dito de outra forma, a Palavra da Vida, pois somente a vida experimenta-se a si mesma, sendo que só a vida permite conhecer a vida. É assim que a vida fala, ela fala na vida. E o que é que a vida fala ao falar desse jeito? É que vive, que é vida!⁴⁹ A linguagem da fé é a linguagem do amor, da sintonia com a Palavra da Vida e do estabelecimento da soberania desta Palavra sobre a vida. Assim, a vida precede a ciência e não pode ou deve estar subjugada a ela, pois “... o que vale mais do que a Lei é precisamente a vida”⁵⁰.

Ao se falar de vida é importante nesse momento tratar sobre esquecimento, e ao que parece “O homem moderno esqueceu o que é

⁴⁷ “... espiritualidade não é algo que possuamos ou mesmo façamos. Vida espiritual não é desejar nem ter ou fazer, mas ser. Espiritualidade está profundamente ligada com o que nós somos. Faz parte do nosso ser. Espiritualidade tem a ver com qualidade de vida, que envolve comunhão com Deus e com o nosso próximo. Como é parte do que nós somos, ela envolve também o nosso corpo. Assim, espiritualidade não é somente algo que se refira à alma ou a coisas que não podemos ver ou tocar. Espiritualidade envolve o ser humano como um todo, em todos os momentos da vida.” PIRES, Frederico Pieper. **O que é espiritualidade?** Organizado por Valtair A. Miranda. Rio de Janeiro: MK Editora, 2005, p. 15. Coleção Teologia ao alcance de todos.

⁴⁸ KORTNER, 2009, p. 41.

⁴⁹ **N. do autor:** Este parágrafo é uma paráfrase de HENRY, Michel. **Palavras de Cristo.** Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Edições Colibri, 2003, p. 74.

⁵⁰ HENRY, 2003, p. 24.

esquecer”⁵¹. Sobre o esquecimento é preciso admitir que se tenha pensado com profundidade a essencialidade do esquecer, que em grego é *lethe*, como destino de encobrimento, o esquecimento. Daí surge a palavra *a-lethéia*, que traduzida para o português é “verdade”, ou seja, ser verdadeiro é ser não-esquecido, não-encoberto pois o *alpha* grego, neste caso é um prefixo negativo. Esta é uma experiência pela qual, no horizonte do mundo ocidental não foi realizada; a experiência da verdade não como correspondência entre a coisa e o dito sobre a coisa, mas da verdade como não-esquecimento, não-ocultamento ou desocultamento. Aqui convidamos Henry na sua expressão: Palavra de um homem e Palavra de Deus. Em Jesus, quem fala? De quem é a palavra? *“O que fala o Senhor Jesus? Fala o que Ele é. E o que é que Ele é, pois? É uma palavra do Pai. Nessa mesma Palavra o Pai pronuncia a si mesmo e toda a natureza divina e tudo que Deus é, assim como Ele o conhece, e Ele o conhece como Ele é”*⁵². Na narrativa de Mateus 9.2-8, Jesus fala e ao fazer isso o faz em linguagem humana. Existe uma outra linguagem que não a humana? Ao visitar Henry, percebe-se que sim. Entretanto, esta *“... escapa ao conjunto das concepções de linguagem”*⁵³ existentes na modernidade. As modernas concepções de linguagem e da própria filosofia da linguagem nada sabem a respeito da *“Palavra de Deus, isto é, o modo como Deus nos fala”*⁵⁴. Tem-se, portanto aqui a na base do pensamento de Henry a existência de uma Palavra Divina e de uma Palavra Humana. Esta compreensão pode ser percebida quando Paulo assim escreve: *“Repito: sei que esse homem foi levado, de repente, ao paraíso. Não sei se isso, de fato, aconteceu ou foi uma visão; somente Deus sabe. E ali ele ouviu coisas que palavras humanas não conseguem contar”* (2 Coríntios 12.3-4). O universo da Palavra de Deus mantém diálogo com o universo da Palavra humana, entretanto, existe uma incompreensão, que está situada no campo da transposição da Palavra Divina em Palavra humana. No mundo da nar-

⁵¹ HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**, p. 233.

⁵² ECKHART, 2006, p. 43.

⁵³ HENRY, 2003, p. 13.

⁵⁴ HENRY, 2003, p. 13.

rativa mítica grega, este papel é desempenhado pelo deus Hermes. No campo da narrativa mítica judaico-cristã não há intermediário, Deus conversa diretamente com o ser humano. Enquanto na Grécia Clássica, o divino possui intérprete, no mundo hebraico o divino não possui intérprete, pelo menos não no campo dos celestes, pois tem-se aqui os profetas, que são a voz de Deus. Tanto em um mundo quanto no outro a incompreensão está sempre presente.

A dificuldade de o homem entender a Palavra de Deus é um tema constante no ensino de Cristo. Ela está presente quando Cristo se dirige aos homens para lhes falar deles próprios ou quando lhes fala de si mesmo. Quem mais do que ele estaria consciente desta dificuldade, ele que conhecia os homens - Eu conheço-vos [...] (João 5.42)⁵⁵.

Pela Palavra de Deus ser essencialmente ética, ela deveria ser entendida pelo ser humano, pois, "... também chamamos de ética a própria vida..."⁵⁶, e por mais paradoxal que possa ser, o ser humano que é um vivo na vida junto à Palavra da Vida que é a Palavra de Deus, não consegue muitas vezes compreender, e quando compreende não consegue traduzir em Palavra humana aquilo que experienciou como Palavra de Deus, como está dito em 2 Coríntios 12.3-4. Em várias oportunidades o ser humano não consegue traduzir em Palavra humana a experiência de vida, ou seja, a Palavra de Vida, que é a Palavra de Deus. Em Jesus isso não ocorre, pois ele é a manifestação de Deus, Ele é a própria Palavra de Deus. Quando Jesus diz: "Seus pecados estão perdoados", Ele realmente está perdoadando os pecados. Quanto à Palavra humana, necessariamente, quando alguém diz que perdoou pecados, não significa dizer que ocorreu o perdão, pois pode não ter acontecido esse milagre. *"A Palavra de Cristo já não é aqui a do homem compassivo. Também já não é uma palavra aprendida junto de alguém e repetida, é a palavra de Deus com qual Cristo identifica*

⁵⁵ HENRY, 2003, p. 89.

⁵⁶ VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008, p. 7. Coleção Primeiros Passos.

a sua porque ele lhe é idêntico”⁵⁷. Fica claro, portanto, que enquanto a Palavra humana é aprendida, a Palavra de Deus, que é a Palavra de Vida se nasce com ela. É preciso entender que enquanto a Palavra humana acontece no reino do visível, a Palavra divina, Palavra de Vida, acontece no reino do invisível. Segundo Henry:

Palavras humanas em todos os aspectos, visto que aquele que as pronuncia é um homem que se dirige aos homens na sua linguagem, de maneira que o compreendam. Além do mais, estas palavras falam-lhes da sua própria existência, neste mundo em que ela decorre e da conduta que devem seguir nesse mundo. O conjunto desses discursos, o seu conteúdo, os pressupostos da sua abordagem determinam o que se pode chamar um “sistema humano”, em que tudo provém do homem e tudo a ele refere⁵⁸.

É preciso chamar atenção que a palavra humana, no que se refere à criação, imita a Palavra divina, pois ela é criadora. Enquanto Deus cria o mundo real, o ser humano cria o mundo conceitual, pois: “Depois que o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves, ele os levou ao homem para que pusesse nome neles” (Gênesis 2.19).

Tudo isso, no entanto, não é somente isso, pois a compreensão da Palavra de Deus como incompreensão é um aspecto, mas existe um outro, que é ter esquecido a ideia de Palavra de Deus. Só pode esquecer quem já viveu plenamente essa experiência. A humanidade já passou por essa experiência com profundidade quando Cristo tabernaculou entre os seres humanos, inclusive o texto de Filipenses assim diz:

Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha: Ele tinha a natureza de Deus, mas não tentou ficar igual a Deus. Pelo contrário, ele abriu mão de tudo que era seu e tomou

⁵⁷ HENRY, 2003, p. 87.

⁵⁸ HENRY, 2003, p. 23.

a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E vivendo a vida comum de um ser humano (Filipenses 2.5-7).

Está-se diante de algo especialmente inédito e carregado de significado e mistério, onde segundo a narrativa é o próprio Deus que abre mão de sua divindade e assume a precariedade da condição humana. Pode-se ver nesta narrativa uma singular e mítica resposta ao drama da humanidade até então sem esperança, portanto “O Pai fala a Palavra e fala na Palavra e nada mais”⁵⁹. É Henry quem faz a pergunta: “*Será possível ao homem escutar na sua linguagem uma palavra que fale noutra linguagem – na linguagem de Deus, mais precisamente no seu Verbo? E, como poderá, ao menos, assegurar-se da existência de uma tal palavra?*”⁶⁰ A resposta vem de Cafarnaum, pois o perdão/cura é exposto em toda a sua transparência e ação da transcendência na imanência. A presença/ausência da Palavra de Deus se manifesta plenamente em seu Cristo, revelando dinamicamente seu Verbo, que é encarnado na “carne” de Jesus. “*Que Jesus possa vir também em nós e lançar fora todos os impedimentos, e abrir espaço livre e fazer-nos Um, assim como Ele, Um com o Pai e com o Espírito Santo, é um Deus, para que nós assim nos tornemos Um com Ele e permaneçamos eternamente*”⁶¹. Ao fazer essa experiência, estaremos experienciando a *a-letheia*, a verdade, o não-esquecimento, o (des)ocultamento, trazendo o ausente para o presente, re-encantando-se com a saudade: ausência da Presença; Presença na ausência. Fica-se aqui com as palavras do Zaratustra de Nietzsche: “*Alma minha, ensinei-a a dizer ‘Hoje’ como ‘Um Dia’ e ‘Noutro Tempo’ e a passar dançando por cima de tudo para além de todo ‘Aqui’ e ‘Ali’ e ‘Lá’*”⁶².

⁵⁹ ECKHART, 2006, p. 44.

⁶⁰ HENRY, 2003, pp. 15-16.

⁶¹ ECKHART, 2006, p. 45.

⁶² NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba: Hemus Livraria, Distribuidora e Editora, 2002, p. 171.

Referências

- Bíblia de Estudo NTLH.** Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 2005.
- BUCKS. RENÉ. **A Bíblia e a Ética: A relação entre a filosofia e a sagrada escritura na obra de Emanuel Levinas.** Edições Loyola. São Paulo – São Paulo. 1997.
- BUZZI. Arcângelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem.** 33ª edição. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes. 2007.
- COMBLIN, José. **Justiça e lei no Evangelho segundo Mateus.** Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990.
- CROATTO, Severino J. **Hermenêutica Bíblica.** Editora Sinodal/Paulinas. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. 1ª edição. 1986.
- CORETH, Emerich. **Questões Fundamentais de Hermenêutica.** Tradução: Carlos Lopes de Matos. São Paulo. SP. Editora da Universidade de São Paulo. 1973.
- DOSTOIEVSKI, F. **Crime e Castigo.** 1947.
- ECKHART, Meister. **Sermões Alemães: sermões 1 a 60 /** Mestre Eckhart; tradução e introdução de Enio Paulo Giachini; revisão de tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback; apresentação de Emmanuel carneiro Leão. Bragança paulista: editora Universitária São Francisco; Petrópolis: vozes. 2006.
- FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos. Aprendendo a viver II.** Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro – RJ. Objetiva. 2009.
- HENRY, Michel. **Palavras de Cristo.** Tradução de Florinda Martins. Edições Colibri. Lisboa – Portugal. 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem.** Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis & Bragança Paulista: Editora Vozes/ Editora Universitária São Francisco. 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências.** Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5ª ed. São Leopoldo, Petrópolis, Bragança Paulista: Editora Sinodal, Editora Vozes, Editora Universidade São Francisco, 2008. Coleção Pensamento Humano.

- JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 3ª edição revisa e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.
- KORTNER, Ulrich H. J. **Introdução à Hermenêutica Teológica**. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2009.
- LEÃO, Emanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Vol 01. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- LEONE, Alexandre. **Mística e razão: dialética do pensamento judaico**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- LEVINÁS, Emmanuel. **O Humanismo do outro Homem**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.
- NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Assim falava Zarathustra**. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba: Hemus Livraria, Distribuidora e Editora, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos**. 2ª ed. Campinas: Fontes, 2005.
- PIRES, Frederico Pieper. **O que é espiritualidade?** Organizado por Valtair A. Miranda. Rio de Janeiro: MK Editora, 2005. Coleção Teologia ao alcance de todos.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sussekind. Porto Alegre: L&M, 2010.
- UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008. Coleção Primeiros Passos.
- VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. **Ética e Direito**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

DISCO:

- VELOSO, Caetano. **Muito – Dentro da Estrela Azulada**. Philips/Phonogram. 1978.